

## INCIDENTE EM ANTARES: FIGURAÇÕES DA VIOLÊNCIA<sup>1</sup>

Paloma Silva Mendes<sup>2</sup>  
Maria Andréia de Paula Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

**Incidente em Antares**, romance de autoria de Erico Verissimo, embora escrito nos anos de 1970, discorre sobre temas que ainda são pertinentes na sociedade brasileira atual, entre eles a violência na formação da cultura brasileira. É importante salientar que a época da escrita da obra coincidiu com o período da ditadura civil militar vivido no Brasil entre os anos de 1960 e 1980 do século XX. O romance descreve fatos de significativa relevância desse período histórico destacando o contexto político e social dos habitantes da cidade de Antares e as suas relações de violência e conflitos estabelecidas no cotidiano. O escritor gaúcho aborda a temática da política e da violência por meio da Literatura e deixa transparecer uma série de denúncias sobre um tempo de repressão. O objetivo do presente trabalho é analisar de maneira breve algumas representações da violência em **Incidente em Antares** a partir das relações entre os personagens e o cotidiano. A exemplo, temos a violência sofrida pelo personagem João Paz, que representa os torturados e mortos políticos. Percebe-se que a sua presença entre os mortos denuncia a situação arbitrária que o Brasil passava durante a década de 1970. Essa denúncia funcionou como uma crítica a prática da tortura que era extremamente comum em tal período.

Palavras-chave: Incidente em Antares. Violência. Literatura. História

### 1 INTRODUÇÃO

**Incidente em Antares**, publicado inicialmente em 1970, traz em seu enredo diversos temas que ainda estão presentes na sociedade atual, tais como: abuso de poder, limitação de direitos individuais e ainda o uso da violência como forma de coibir posicionamentos ideológicos divergentes, dentre outros.

Embora o texto seja elaborado a partir da utilização de recursos ficcionais, como o uso do elemento fantástico, riso, ironia e o sarcasmo, tem se na realidade o seu alicerce de criação. A época da escrita da obra coincidiu com o período da ditadura civil militar vivenciado pelo país. Por isso o romance descreve fatos de significativa

---

<sup>1</sup> O artigo Incidente em Antares: figurações da violência teve sua origem em apresentação oral realizada no III Seminário de Pesquisa e Extensão do CES/JF intitulada Representação da Violência em Incidente em Antares.

<sup>2</sup> Mestrado em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

<sup>3</sup> Doutorado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente do Programa de Mestrado em Letras do CES/JF.

relevância desse período político, porém reorganizados dentro do contexto político e social dos habitantes da cidade de Antares e o seu cotidiano.

Esta pequena cidade, de acordo com a narrativa do autor, não consta em nenhum mapa. Apesar de tal ausência territorial, a mesma se localiza simbolicamente no interior do Rio Grande do Sul, à margem esquerda do Rio Uruguai e tornou-se famosa por meio de um incidente ocorrido no dia 13 de dezembro de 1963. Na primeira parte da obra, personagens fictícios estabelecem diálogos com personagens reais que fizeram parte da história política do Brasil e os eventos nos quais estiveram envolvidos como, por exemplo, a renúncia de Jânio Quadros e o suicídio de Getúlio Vargas.

A segunda parte da obra é marcada por uma greve geral que paralisa Antares e por isso sete mortos são impedidos de serem sepultados. Estes se elevam dos respectivos caixões promovendo o incidente que dá origem ao título da obra, bem como uma série de denúncias referentes aos problemas políticos e as tensões sociais inerentes ao país naquele contexto histórico.

Eduardo Neto e Maria Cecília Teodoro (2012) acrescentam que a greve em Antares ocupou lugar em uma sociedade “violenta, agressiva e na qual os direitos dos mais frágeis eram corriqueiramente desrespeitados [...] o dos mais fortes não possuíam limites, praticando impunemente assassinatos em público [...]” (NETO, TEODORO, 2012, p. 175).

Dessa maneira, o objetivo do presente artigo é analisar as figurações da violência em **Incidente em Antares** a partir das relações entre os personagens. Assim sendo, para analisar a obra em questão, tomar-se-á como referência teórica os apontamentos do cientista político Mario Stoppino, no que tange a questão do conceito de violência; do sociólogo francês Pierre Bourdieu acerca da representação da violência e poder simbólico, bem como da socióloga Brasileira Tânia Pellegrini entre outros, para que se possa equacionar a interface entre ficção e realidade. Essas leituras são significativas na medida em que instrumentalizam, do ponto de vista epistemológico, a análise do romance numa perspectiva transdisciplinar.

## 2 LITERATURA E POLÍTICA

Como esta pesquisa tem como referência teórica e conceitual estudos que se debruçam sobre os campos da Literatura, História e Sociologia, faz-se necessário uma breve revisão de literatura acerca da temática. Primeiramente tomamos como norte a

definição de violência sob a ótica de Mario Stoppino, inserida no **Dicionário de Política** (2000), organizado por Norberto Bobbio.

De acordo com Stoppino (2000, p. 1291), “Por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária [...]”.

O autor salienta ainda que quem pratica tal ato é aquele que tortura, fere ou mata, imobiliza ou exerce manipulação sobre o corpo de outrem e quem impede o outro de cumprir ação determinada. Todavia, existem duas exceções no âmbito do autor da ação; que são os atos de violência e o suicídio praticados pela própria vítima.

Entretanto, a violência sofre uma ramificação em direta e indireta. Já que:

É direta quando atinge de maneira imediata o corpo de quem a sofre. É indireta quando opera através de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra (por exemplo, o fechamento de todas as saídas de um determinado espaço) ou através da destruição, da danificação ou da subtração dos recursos materiais. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: uma modificação prejudicial do estado físico do indivíduo ou do grupo que é alvo da ação violenta (STOPPINO, 2000, p. 1291-1292).

É necessário perceber a diferença entre poder e violência, pois esta pode ser considerada sinônimo de força, distinguindo-se da definição comum de poder. Stoppino (2000) é quem apresenta essa diferença:

O poder muda a vontade do outro; a violência, o estado do corpo ou de suas possibilidades ambientais e instrumentais. Naturalmente as intervenções físicas podem ser empregadas como um meio para exercer o poder ou para aumentar o próprio poder no futuro [...] (STOPPINO, 2000, p. 1292).

Em consonância com as definições apontadas, Pierre Bourdieu descreve que, em ambientes de estudos nos quais o poder está dissipado, o poder simbólico é invisível e só poderá ser exercido mediante a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele. Dentro desta perspectiva: “as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulado entre os agentes” (BOURDIEU, 2000, p. 11).

Sobre a representação da violência na literatura brasileira, Tania Pellegrini corrobora com os apontamentos de Stoppino ao acrescentar “violência, aqui, como o uso da força para causar dano físico ou psicológico a outra pessoa, o que, forçosamente, recai na problemática no crime (PELLEGRINI, 2005, p. 134).

Ainda sobre os estudos da autora, pode-se afirmar que a violência é inerente ao surgimento da cultura brasileira, pois:

[...] a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundador a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial. Nesse sentido, a história brasileira, transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada assim desde as origens, tanto em prosa quanto em poesia: a conquista, a ocupação, a colonização, o aniquilamento dos índios, a escravidão, as lutas pela independência, a formação das cidades e dos latifúndios, os processos de industrialização, o imperialismo, as ditaduras [...] (PELLEGRINI, 2005, p. 134).

Kalina Silva e Maciel Silva (2009) ilustram os conceitos apontados por Stoppino (2000) ao afirmarem que a violência é um fenômeno social que se encontra em todas as sociedades sob diversos aspectos. Eles ainda acrescentam que sempre quando a palavra violência é pronunciada, logo é associada a agressão física, contudo ela possui vários significados pois:

Hoje esse termo denota, além da agressão física, diversos tipos de imposição sobre a vida civil, como a repressão política, familiar ou de gênero, ou a censura da fala e do pensamento de determinados indivíduos e, ainda o desgaste causado pelas condições de trabalho e condições econômicas. Dessa forma, podemos definir violência como qualquer relação de forma que um indivíduo impõe ao outro (SILVA E SILVA, 2009, p. 412).

Os autores ainda fazem um breve panorama sobre a violência ao longo da história. Para eles, a vida em sociedade sempre foi marcada pela violência e exemplificam ao dizer que :

[...] para sobreviver em ambientes hostis, o ser humano precisou produzir violência em escala inédita no reino animal. Por outro lado, nas sociedades complexas, a violência deixou de ser uma ferramenta de sobrevivência e passou a ser um instrumento da organização da vida comunitária. Ou seja, foi usada para criar uma desigualdade social sem a qual, acreditam alguns teóricos, a sociedade não se desenvolveria nem se complexificaria. Essa desigualdade social é o fenômeno em que alguns indivíduos ou grupos desfrutam de bens ou valores exclusivos e negados à maioria da população de sua sociedade. Tal desigualdade aparece em condições históricas específicas, constituindo-se como um tipo de violência fundamental para a constituição de civilizações. Por outro lado, as sociedades tribais “ditas primitivas” não possuem tal tipo de desigualdade, ou seja, nas tribos a violência da apropriação dos bens por uma minoria é desconhecida. Nessas sociedades, todavia, a violência ganha um caráter físico muito mais acentuado, tanto na grande importância cultural que a guerra tem – os tupis são um exemplo clássico – quanto na instituição de rituais de iniciação à vida social, que segundo o antropólogo Pierre Clastres, são verdadeiros rituais de tortura (SILVA E SILVA, 2009, p. 412, grifo dos autores).

Após a descrição dos autores acima, pode-se observar que a violência é um fenômeno inerente a todas as sociedades, assim como sempre esteve no campo filosófico e na produção histórica. O grande filósofo Thomas Hobbes<sup>4</sup> no século XVII acreditava que viver em sociedade correspondia a uma resposta à natureza violentas dos homens, pois, os seres humanos eram criaturas naturalmente violentas. Assim, era necessário ter um soberano que comandasse a vida no meio social; de maneira que a violência individual não atrapalhasse o meio social. Já para o filósofo Karl Marx<sup>5</sup> a violência não é inerente ao homem, mas sim social, na maneira que é ditada pela sociedade no ingresso aos meios de produção (SILVA e SILVA, 2009).

É sabido que a vida em sociedade tem na cooperação entre os seres humanos o ponto de equilíbrio e que a violência nada mais é do que a representação do conflito. Se não existir esse limiar, a comunidade deixaria de existir, Para os sociólogos citados anteriormente a respeito de violência na sociedade teria a seguinte configuração:

[...] na sociedade a violência tanto pode ser resultado do descontrole individual, em que o indivíduo foge às regras sociais, como pode ser um instrumento de poder para submeter os mais fracos. Para os sociólogos, uma forma característica de violência social é a chamada violência-anomia, sendo anomia a situação em que o sistema de valores de uma sociedade perde sua força, e esse sistema passa a ser desrespeitado por seus membros. Assim, o que caracteriza a violência-anomia são as atitudes agressivas de determinados grupos em uma sociedade em que as normas e as leis não estão em vigência. Isso pode levar à dissolução da sociedade. Tal situação pode ser amplamente vista na América Latina, onde na Colômbia, por exemplo, a concorrência de Estado, traficante e guerrilhas cria em algumas regiões uma situação de caos social, em que a lei e as regras sociais não tem valor (SILVA e SILVA, 2009, p. 413).

No âmbito da historiografia, a violência é objeto de análise tanto na história das guerras, quanto na história do poder. No mais, a história política quase em sua totalidade foi marcada por diversas representações da violência, ainda que alguns historiadores, como relatam Silva e Silva (2009), não reconheçam esse ponto de vista. No entanto, as

---

<sup>4</sup> Thomas Hobbes (05/04/1588 - 04/12/1679) foi um filósofo, matemático inglês e um teórico político. Sua obra que obteve mais destaque foi "Leviatã", que trazia em seu enredo central a ideia de absolutismo e a elaboração do contrato social, pois defendia que o homem por viver em um estado de natureza onde todos estariam preocupados com interesses próprios, era essencial um governante forte para intermediar os conflitos.

<sup>5</sup> Karl Marx (05/05/1818 – 14/03/1883) foi um filósofo, jornalista, sociólogo e um revolucionário socialista. Foi também responsável por criar os pilares da doutrina comunista, onde fazia críticas ao modelo capitalista. As teorias de Marx sobre economia, sociedade e política sustentam que as sociedades humanas evoluem por meio da luta de classes.

práticas violentas no decorrer da história humana foram observadas no grande número de conflitos nas revoluções, guerras, revoltas, entre outros (COSTA, 2017).

A violência começou a ser analisada por outra ótica na historiografia a partir do livro de Michel Foucault<sup>6</sup> intitulado **Vigiar e Punir**. Na obra, Foucault (2007) caracteriza a violência como um modo de punir na forma da lei os crimes praticados na Europa Moderna. Em seus estudos passou a observar que a violência física foi se modificando no decorrer da história, pois ela passou a buscar disciplinar o comportamento sem recorrer a agressão física. Com isso os crimes que eram punidos com violência física, foram substituídos pelas prisões em celas. Assim os condenados eram controlados pelo comportamento. Para Foucault (2007, p. 18, grifo do autor):

[...] no decorrer dos últimos séculos, a punição, o poder se estende para além do corpo e passa a atingir a alma: 'á expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições' [...].

Para finalizar acerca da representação da violência para a historiografia na atualidade, cabe observar os apontamentos de Silva e Silva (2009) no que tange a maneira que o se deve tratar do tema violência na esfera acadêmica:

Para o professor de História, hoje, a violência é tema inevitável, tanto por sua ocorrência em todos os períodos históricos quanto pela presença muito comentada em nossa sociedade. Mas muitas vezes é difícil identificarmos a violência na História. Se os castigos corporais escravidão e o holocausto judeu na Segunda Guerra Mundial são temas em que a violência é facilmente percebida, a imposição de valores de um povo sobre o outro nos processos de colonização, o patriarcalismo da maioria das sociedades e a própria desigualdade econômica são fenômenos violentos que passam muitas vezes despercebidos. Precisamos enfatizar o caráter violento do processo histórico, levando os estudantes a perceber a violência no cotidiano para além da criminalidade, que em si é apenas um aspecto da violência econômica de nossa sociedade. O professor de História deve criticar a banalização da violência, o sensacionalismo da mídia e o próprio discurso, ingênuo, da classe média. Trata-se de um discurso que, no geral, não aprofunda os comportamentos sociais e econômicos da violência. O professor pode ainda trabalhar a violência em sua relação com os regimes ditatoriais, que usam da tortura física e psicológica, entre outras diversas formas de repressão, e com o etnocentrismo, que pode ser causador de numerosas formas de violência (SILVA e SILVA, 2009, p. 14).

---

<sup>6</sup> Michael Foucault (1926-1984) foi um filósofo e pensador francês que exerceu significativa influência sobre intelectuais contemporâneos. Seu conhecimento se deu por ser contrário ao sistema prisional tradicional. Além da formação em filosofia, graduou-se em Psicologia. Publicou algumas obras e seu livro *Vigiar e Punir* obteve destaque entre o meio acadêmico de Direito.

Tais figurações da violência, de um modo em geral, estão inseridas no romance **Incidente em Antares**.

De acordo com Maria Isabel Assis, Érico Verissimo expressa por meio do enredo ficcional e pelos posicionamentos por ele defendidos, um profundo descontentamento diante de seu tempo e sociedade (ASSIS, 2013).

A produção literária na década de 1970 era algo complexo, pois, os autores para não terem suas obras censuradas, deveriam estar alinhados com o processo ditatorial. Caso fossem engajados politicamente, poderiam ter suas obras censuradas e impedidas de circularem. Sob essa perspectiva, **Incidente em Antares**, deveria se adequar dentro deste contexto, ou seja, firmar um posicionamento político sem que a ligação com os acontecimentos do entorno ficassem explícitos. Por isso, Daniela Torres e Elaine Santos afirmam que:

[...] Érico Verissimo recorreu a diferentes artifícios ficcionais, como situar, temporalmente, o incidente antes dos militares tomarem o poder, ou dar voz aos mortos, para driblar a censura e produzir um romance que pudesse ser analisado como uma crítica ao regime, então, em vigor (TORRES E SANTOS, 2006, p. 73).

Nota-se que, em boa parte do contexto ficcional enredado por Verissimo, a violência se faz presente, ou seja, é um subproduto do poder político. No campo político, a violência exerce um papel crucial, pois, ao longo da história, diversos governos lançaram mão dela para perseguir, e mesmo coibir aqueles que mantinham pensamento ideológico divergente do proposto. Dentro deste contexto Stoppino (2000) afirma que:

[...] o recurso à violência é um traço característico do poder político ou do poder do Governo [...] esta importância da violência deriva, de um lado, da eficácia geral das sanções físicas e, de outro, da finalidade mínima e imprescindível de todo Governo [...] (STOPPINO, 2000, p. 1292).

A violência apresentada no romance não está apenas ligada ao regime autoritário instalado no Brasil, ela perpassa toda a parte da fundação histórica de Antares, em que era comum a violência entre as famílias poderosas, bem como a aliança destes na submissão dos menos afortunados, conforme se pode observar no trecho a seguir:

Já quase ao clarear do dia, intoxicados de bebidas alcoólicas, dois machos do clã dos Campolargos – primos-irmãos ainda na casa dos vinte – estranharam-se, trocaram primeiro palavrões, depois bofetadas e finalmente facadas. Um deles recebeu um pontaco de faca no ventre (superficial) e o outro deixou no chão da praça um naco de seu braço esquerdo. O velho Benjamim teve de

intervir pessoalmente, ajudado por dois irmãos, para evitar que o conflito se generalizasse num “pega pra capturar” desastroso (VERISSIMO, 2006, p. 37, grifo do autor).

Assim, na primeira parte da obra, pode-se verificar torturas e assassinatos que estão na base da formação da cidade. Existiam nela duas famílias rivais que se degladiavam na luta pelo poder, por exemplo, quando Xisto Vacariano comete um homicídio contra Terézio Campolargo com requintes de crueldade, conforme o trecho retirado da obra a seguir:

205

Xisto mandou reunir na praça os homens da cidade e ordenou que mulheres e crianças ficassem fechadas em suas casas. De mãos amarradas às costas, Terézio foi trazido à sua presença, em meio de grave silêncio [...]  
Xisto mandou amarrar o prisioneiro pelas pernas e pendurá-lo no galho duma árvore, com a cabeça a poucos centímetros do solo. Depois acercou-se de sua vítima, empunhando um grande funil de lata, cujo longo bico lhe enfiou às cegas no ânus[...]  
Xisto murmurou: “Sabes o que vou te fazer, sacripanta? Te incendiar as tripas”. A uma ordem sua, os dois homens começaram a despejar lentamente no funil todo o conteúdo da chaleira. Terézio Campolargo soltou um urro e começou a estrebuchar (VERISSIMO, 2006, p. 12).

Em resposta a este ato, Benjamim Campolargo violentou Romualdo Vacariano:

Romualdo Vacariano foi trazido à presença de Benjamim Campolargo, que exclamou: “Tirem toda a roupa desse sujeitinho!” [...] Agora amarrem ele na mesma árvore onde penduraram o meu irmão. Assim não! Com a barriga contra o tronco, as pernas abertas... Isso!” Um círculo duns cento e poucos homens formava uma espécie de muro ao redor da árvore[...] Benjamim chamou um dos seus companheiros, um negro alto e corpulento, e lhe disse: – Elesbão, você é quem vai fazer o serviço no moço. O preto levou a mão à faca.

Era um exímio degolador.

Benjamim sacudiu negativamente a cabeça.

– Não. O instrumento não é esse, mas o que você tem entre as pernas. Elesbão não entendeu imediatamente o que o seu comandante queria. Quando compreendeu, murmurou, constrangido:

– Ora, coronel, eu nunca fiz dessas coisas.

– Mas vai fazer agora. É uma ordem.

– Por que logo eu?

– Porque sim.

– Aqui na frente de todo o mundo?

– É exatamente isso que eu quero: testemunhas. Elesbão olhou para o homem nu e depois para o seu comandante:

– Me prenda, coronel, me rebaixe de posto, mas uma coisa dessas eu não faço. Degolar é diferente [...]

Quem salvou a situação foi um caboclo parrudo e mal-encarado, o Polidoro, contumaz barranqueador de éguas, que se apresentou voluntário para executar a tarefa.

– Está bem – disse o chefe Campolargo. – Está na mesa. Sirva-se (VERISSIMO, 2006, p. 16).

Nas duas passagens de cenas violentas retiradas da obra, observa-se que elas são praticadas diante da população antarense e nenhuma das duas famílias se mostra preocupada com as consequências jurídicas. Assim podemos afirmar que o poder econômico se sobrepunha ao poder público. Logo podemos deduzir que o estado não conseguia conter a violência, mesmo sendo detentor do poder. A situação fictícia, pois está inserida dentro de uma narrativa, remete efetivamente a forma que as situações eram resolvidas.

Leandro Fanchin chama a atenção para obras que abordam literatura e história dentro de uma mesma temática, o que efetivamente ocorre em **Incidente em Antares**. Considerando a literatura como um produto estético e cultural ele descreve que: “[...] torna se clara a capacidade que a possui essa manifestação de representar, ficcionalmente, a realidade, fornecendo elementos importantes para a leitura de determinados contextos históricos e das relações sociais aí inseridas [...]” (FANCHIN, 2009, p. 8).

Roselene Feil ratifica o pensamento do autor descrito acima e acrescenta ao dizer que a literatura dialoga com qualquer atividade humana e que ficcionar a verdade através dela, é o principal recurso utilizado pelos autores para expor a realidade. A autora ainda aponta que:

É perceptível que ficção e história constroem mecanismos de alusão recíproca. Que nenhuma obra ficcional ignora seu tempo, mesmo que ele não apareça necessariamente de forma clara. A história é ambiente, é oblíqua, feita de fissuras quem, muitas vezes, são exploradas pela liberdade da literatura [...] A literatura tem a capacidade de se expandir e transcender os limites entre ficção e História, atravessando as fronteiras do universo ficcional e indo questionar o tempo em que se insere, a sociedade a que pertence, o homem que representa e as misérias de sua experiência cotidiana [...] (FEIL, 2009, p. 7).

A respeito da ficção no romance de Verissimo, Tania Pellegrini (1996) destaca que o autor faz uso de um humor irônico e sutil, caracterizando assim uma narrativa real e simbólica.

Outro elemento do qual o autor lança mão é o realismo fantástico, considerando este último, como uma possibilidade de narrar a realidade. O incidente ocorrido na segunda parte da obra representa essa forma de elaboração ficcional.

Sete mortos, inconformados por não poderem ser sepultados, resolvem protestar no coreto da praça central; de onde denunciam e revelam: “[...] negócios escusos, torturas, assassinatos, adultérios e das facetas ocultas da personalidade de algumas figuras proeminentes [...]” (FANCHIN, 2009, p. 25).

A narrativa de cunhofantástico começou a se expandir durante a década de 1960 na América Latina. Além de trazer consigo carga simbólica e alegórica, ele funcionava como um recurso narrativo de relevante importância, pois possibilitava a crítica à realidade. Por isso Pellegrini (1996) afirma que: “O texto passa a ser um artifício lúdico e lúcido de verossimilhança, que relativiza qualquer significado fixo” (PELLEGRINI, 1996, p. 112).

De acordo com Fanchin (2009), ao usar o sobrenatural para denunciar a violência, Verissimo estaria demonstrando o vínculo entre realidade e ficção, pois dando voz aos mortos, esses poderiam julgar os vivos e expor tensões sociais de Antares; sem correr riscos de serem punidos, já que não pertenciam mais aquela sociedade. Além do mais Neto e Teodoro (2012) corroboram com Fanchin (2009) e salientam que:

Apesar de publicada em 1971, período de grande instabilidade social e política no Brasil em função da vigência de uma ditadura militar, as metáforas e questões retratadas na obra permanecem atuais. Afinal, ainda há entre os vivos uma podridão pior que a putrefação dos mortos (NETO e TEODORO, 2012, p. 1)

Dentre as denúncias feitas pelos mortos, a que chama mais atenção é aquela que diz respeito ao personagem João Paz, feita por outro personagem que também tinha falecido e impedido de ser sepultado, o advogado Cícero Branco. Em virtude de uma denúncia anônima, João foi torturado até a morte por estar supostamente envolvido em grupo de esquerda, o grupo dos 11. E sua morte foi falsamente atestada por um médico da cidade, o Dr. Lázaro Ramos. A narração da tortura causa impacto, assim como a desfiguração do personagem em decorrência da violência a qual foi submetido.

[...] O Boquinha de Ouro perguntava: “Quem são os outros dez? Vamos!” E o prisioneiro respondia: “Não sei”. Os carrascos passaram então à segunda fase do interrogatório. Dois brutamontes puseram-se a bater em Joãozinho, aplicando-lhe socos e pontapés no rosto, na boca do estômago e nos testículos [...] (VERISSIMO, 2006, p. 377, grifo do autor).

Estão vendo esse olho quase fora da órbita? – pergunta Cícero Branco. – Parece um ovo de codorna... sim, e esse sangue coagulado que tem por cima lembra catchupe seco... Se me perdoam pelo mau gosto da metáfora, as pálpebras e a pele ao redor dos olhos de Joãozinho lembram uma folha de repolho roxo. Guardem essa imagem para se lembrarem dela sempre à hora das refeições. Um ovo de codorna em cima numa folha de repolho roxo. É um excelente processo mnemônico e plástico (sinistra natureza morta) para não esquecer as crueldades de nossa polícia (VERISSIMO, 2006, p. 377).

O personagem João Paz dentro do romance assumiu o papel dos mortos políticos e os torturados na época da ditadura militar. Em alguns casos, eles sumiram sem nenhum rastro ou vestígio e os familiares nem ao menos puderam dar um enterro digno aos mesmos. Ressalta-se que o incidente em Antares, ocorreu no ano de 1963 e, de acordo com Verissimo (2006, p. 301), “o Brasil está em vésperas de acontecimentos muito sérios”. Assim, pode interpretar que essa citação faz uma menção ao golpe militar que aconteceria no ano posterior (NETO e TEODORO, 2012).

Narrando o incidente de Antares, Erico Verissimo acabou narrando o incidente brasileiro de 1964. Com isso, Pellegrini afirma que: “Teremos, então, a história real e a ficção, (ir) real, (im) possível, (im) provável. Dois lados da mesma moeda. O direito e o avesso da História: grandes personagens, fatos refletidos na história [...]” (PELLEGRINI, 1996, p. 74).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito do autor Erico Verissimo foi, por meio da fictícia cidade de Antares, fazer uma alusão ao Brasil na época da veiculação do romance e que infelizmente ainda existe na sociedade vigente. Vários dos personagens descritos podem ser observados cometendo os mesmos atos sem serem ficcionais.

O presente estudo se debruçou sobre as figurações da violência no romance **Incidente em Antares**. Conforme pode ser observado, Erico Verissimo criou uma narrativa fantástica, por meio de elementos literários, para expor a violência externa e interna, principalmente as que ocorreram no período da ditadura militar, contudo, as práticas violentas já ocorriam desde a parte histórica da obra.

Ao criar o incidente, o autor fez com que os mortos representassem a verdade que a sociedade tentava velar e de acordo com Neto e Teodoro (2012, p. 178) “[...] embora nem todos consigam entender a mensagem trazida pelos insepultos, que retiraram as máscaras dos vivos, o equilíbrio daquela sociedade havia sido alterado”.

Enfim a violência na obra é a questão principal, pois conforme dito anteriormente, o autor se valeu de artifícios para abordar o tema e conseguir, além de discuti-lo, criticá-lo de forma fundamentada. Pois, de acordo com Erico Verissimo (apud ASSIS, p. 159), “[...] mais do que contar histórias, o escritor contemporâneo deve preocupar-se com a violência em suas diversas manifestações e posicionar-se como um agente que contribui para a manutenção da paz”.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Isabel Azevedo. Incidente em Antares: Violência e liberdade na representação ficcional de Erico Veríssimo. **Revista Literatura em Debate**, São Paulo, V. 7, n. 12, p.150-160, jul. 2013.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

COSTA, Marcos. **A História do Brasil para quem tem pressa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

FANCHIN, Leandro. **As representações ideológicas nas vozes polifônicas das personagens de Incidente em Antares, de Erico Verissimo**. 2009. 187 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Caixas do Sul, Rio Grande do Sul, 2009.

FEIL, Roselene Berbigier. **Dois olhares sobre o mesmo tema: diálogos interdisciplinares entre história e literatura no romance Incidente em Antares**. Dourados: Mato Grosso do Sul 2009. Disponível em: <<http://www.pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero43/antares.html>> . Acesso em: 10 jul. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramallete. 34 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NETO, Eduardo Simões; TEODORO, Maria Cecília Teodoro. **Uma análise jurídica do livro “Incidente em Antares”**. Rio de Janeiro, 2012. p.164-179. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=7ac71d433f282034>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

PELEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. In: **Crítica Marxista**, Campinas, n. 21, p.132-153, 2005. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/critica21-A-pelegrini.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/critica21-A-pelegrini.pdf)> Acesso em 9 agos. 2016.

PELEGRINI, Tânia. **Gavetas Vazias: ficção e política nos anos 70**. São Carlos, SP: EDUFSCar-Mercado de Letras, 1996.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel. Violência. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

STOPPINO, Mario. Violência. In: BOBBIO, Noberto et al. (Org). **Dicionário de Política**. Volume II. 5 ed. São Paulo: UNB, 2000.

TORRES, Daniela Freitas; SANTOS, Elaine dos. **Incidente em Antares: Considerações sobre a Ditadura Militar no Brasil pós 64**. Londrina, 2006. p.65-84. Disponível em: <http://www.websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/download/2015/189>>. Acesso em 30 mai. 2016

VERISSIMO, Erico. **Incidente em Antares**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.